

## HUGO PRATT COMO “FAZEDOR” DE DIÁRIOS DE VIAGEM

Eduardo Salavisa

Artigo publicado na revista BDJornal nº5 de Setembro de 2005

Desde muito cedo que Hugo Pratt foi incentivado a registar graficamente por meio do desenho e a partir da observação do real. Ele conta duas experiências, decisivas para o seu futuro como desenhador, ocorridas na sua infância. A primeira foi com a sua avó materna que o levava ao cinema e depois da sessão fornecia-lhe papel (de embrulho por ser mais barato) e lápis de cor para ele desenhar o que tinha visto. (Bom exercício de observação e de memória, dizemos nós). A outra experiência, que também o levou a perceber que o desenho podia servir de suporte para uma história, foi quando o pai, quando ele tinha cinco anos, lhe mostrou um mergulhador de escafandro, desenhou-o e explicou-lhe como ele deveria fazer. Já tinha feito antes outros desenhos mas este foi o primeiro com carácter mais acabado. É curioso como este homem com um escafandro aparece cinquenta e seis anos mais tarde na primeira sequência da aventura “Mû” e, claro, como Corto Maltese.

Para um autor de Banda Desenhada, como Hugo Pratt, cujas estórias e personagens se misturam entre o real e o fictício, é muito importante a recolha visual de informação, o estar atento ao que o rodeia e o registo, por meio do desenho, é fundamental para memorizar e compreender os factos, as coisas e as pessoas. Hugo Pratt conta-nos a sua viagem, de barco, de Veneza para Addis-Abeba (onde o pai estava como militar).

Ao fazerem escala em cidades onde existiam locais históricos, como Jerusalém e Pétra (na Jordânia), ele não tendo máquina fotográfica (felizmente, diríamos nós) encheu vários cadernos com desenhos com “*medo de esquecer o que via*”<sup>1</sup>. Depois diz-nos que a mãe os queimou, mas isso não importa porque, e continua: “*a lembrança destas imagens está sempre presente. Eu poderia hoje refazer todos esses desenhos, e mesmo acrescentar coisas de que na altura não tinha claramente consciência*”<sup>2</sup>. É conhecido o seu fascínio pela cultura militar e pelas fardas em particular, facto profusamente ilustrado nas suas estórias. Também foi, com certeza, um contributo para isso esta primeira observação, mais cuidadosa e com registos nos seus cadernos, tal como ele descreve esses soldados nesta sua viagem, aquando da sua passagem pela Península do Sinai, numa visita a um campo militar britânico:

*“Usavam uma camisa azul, um kilt e um avental kaki, polainas brancas, perneiras enfeitadas com pompons vermelhos e um chapéu colonial com uma pena no topo. Reproduzi-os mil vezes, nomeadamente, perto de quarenta anos mais tarde, numa estória de Corto Maltese, no álbum As Etiópes”.*



<sup>1</sup>Hugo Pratt. *Le Désir D'Être Inutile*. Entretiens avec Dominique Petifaux. Ed. Robert Laffont. Paris 1991

<sup>2</sup> Idem

O Diário de Viagem, caderno de dimensão reduzida de modo a ser facilmente transportável, é um objecto que pode ser usado não só por pessoas ligadas de algum modo a alguma área criativa, mas por todo o tipo de pessoas. É um bom instrumento para nos estimular a estar atentos ao que nos rodeia, adquirirmos o hábito de observarmos o quotidiano, estarmos despertos para o dia-a-dia e aguçarmos a nossa curiosidade por pequenas coisas.

Neste tipo de caderno, além do formato apropriado, o próprio facto de ser um caderno é importante também por outras razões. Um objecto com um número limitado de páginas estimula a desenhar para o concluir, ajuda a organizar, a marcar etapas, a acabar e passar para outro, a começar algo de novo. Os vários registos em vez de estarem em folhas soltas, estão reunidos num caderno, o que dá aos desenhos alguma continuidade, um fio condutor, como se estivessem a contar uma história. Por outro lado, há outro aspecto não menos importante: o ser um caderno tem inevitavelmente influência no resultado final dos desenhos. Os registos são realizados rapidamente, fecha-se o caderno, pressionam-se as folhas umas contra as outras, a tinta ainda não está seca e aparecem as manchas na página seguinte. Ou então, a tinta trespassa a folha e aparecem formas que por vezes podem ser aproveitadas para outros desenhos. A manipulação contínua ao longo da viagem é também um factor de enriquecimento, não só dos desenhos, mas do próprio caderno, como objecto plástico. Dá-nos também a possibilidade de voltarmos atrás e acrescentarmos alguma outra memória, uma frase, uma anotação prática de que entretanto nos lembrámos, colar um bilhete de qualquer evento, ou outra coisa qualquer.

O caderno, sendo um espaço de privacidade para o seu autor, transforma-se num local de liberdade, de experimentação, de descoberta e de consequente criatividade. Permite errar, arriscar novas maneiras de riscar, não ter medo de fazer mal. Pode ser considerado como um autêntico laboratório.

Quando falamos em Diários de Viagem podemos não nos estar a referir à Viagem na acepção vulgar do termo<sup>3</sup>. A viagem pode ser um tempo propício a novas experiências, a encontros inesperados, a locais desconhecidos, mas, e é o que nos interessa mais neste momento, também um tempo em que estamos mais disponíveis para reflectir, tanto sobre nós próprios como sobre o que nos rodeia e sobretudo, para experimentarmos novos materiais e novas maneiras de registar. Hugo Pratt que, tal como a sua personagem Corto Maltese, era um espírito livre e curioso, para quem a viagem, o deambular pelo mundo e a consequente experiência de vida eram intrínsecos à própria existência, à vida, a real e a imaginária, deve, no entanto, também ser considerado um viajante interior. Não nos esqueçamos que possuía uma imensa biblioteca (cerca de 35 000 livros), sendo a sua casa organizada de modo a corresponder cada sala a uma região geográfica e época histórica determinada. Eram as próprias leituras que desencadeavam o desejo de ir lá ver, constatar, ver como era, o que se passava *in loco*. “*As minhas viagens são, para mim, a ocasião de ir a um local que já existe na minha imaginação, no meu mundo interior (...) A minha geografia é sempre relegada a um mundo literário e fantástico*”<sup>4</sup>. Ele costumava exemplificar com a sua ida à Patagónia depois de ter lido o livro de Bruce Chatwin.

---

<sup>3</sup>Definição no dicionário da Texto Editora. “Caminhada ou outro qualquer modo de deslocação – automóvel, caminho-de-ferro, navio, etc – para chegar de um lugar a outro, mais ou menos distantes; longa jornada”.

<sup>4</sup>Hugo Pratt. *Le Désir D'Être Inutile*. Entretiens avec Dominique Petifaux. Ed. Robert Laffont. Paris 1991

Há muitas outras designações que podem ser usadas em vez de Diário de Viagem, apesar de cada uma delas ter um significado próprio com pequenas/grandes diferenças entre elas. O termo Diário Gráfico é bastante usado, é o mais abrangente e não dá azo a equívocos. Não só porque indica que é usado quotidianamente em qualquer lugar e circunstância, como não faz confusão com outros tipos de diários, como o de literatura de viagens, género, aliás, com longa tradição.

No entanto, não há dúvida que quando se tem maior disponibilidade desenha-se mais e melhor. É por isso que a maior parte das pessoas acaba por desenhar principalmente quando viaja. E quando partimos predispostos a sermos bons observadores, esse tempo transforma-se num período bastante produtivo. O Diário de Viagem acaba, assim, por ser o termo mais simpático. Quem nunca teve vontade de sair pelo mundo sem limites de tempo, de distância e de itinerário? Aliar o conceito romântico de deambular diletantemente por outras culturas, com a arte e o desenho em particular, é certamente muito sedutor.

Além de ser uma boa maneira de memorizar as pessoas, os locais, os acontecimentos que vão acontecendo em viagem, o Diário de Viagem tem outras razões igualmente importantes para ser usado. Hugo Pratt refere-se, muito concretamente, a uma delas, aquando da sua estadia na Amazónia no Brasil: *“Felizmente tinha comigo o meu material de desenho ... Eles viam-me a trabalhar e estavam fascinados pela minha mão, faziam-me desenhar sem parar”*<sup>5</sup>. O Diário revela-se, assim, como um poderoso meio de comunicação entre o desenhador e os desenhados, que ficam ora intrigados, ora divertidos, mas sempre com grande curiosidade e interesse, estabelecendo-se entre eles um clima de confiança. Numa sociedade não-Ocidental pode-se falar mesmo num modo de relacionamento com os outros, num modo de socialização.

Há uma aproximação imediata entre o pensar e o registo gráfico. O desenho, e especialmente o feito em viagem, é, usualmente, de grande simplicidade de meios. Uma coisa importante é o material poder ser transportado de uma maneira fácil. Para isso o material deve ser o essencial e pode ser qualquer um, desde os mais improvisados, tal como o borrar a caneta com cuspo ou colorir com manchas de café, até aos mais tradicionais, a grafite, a caneta, a aguarela, passando pelas colagens, a escrita e todo o tipo de técnicas e materiais. Hugo Pratt em resposta à pergunta *que material utiliza?* Responde: *“Isso depende do que quero fazer, da impressão que eu quero dar. Tenho diferentes lápis, diferentes feltros. O feltro é para um desenho rápido. É preciso ter também em atenção o papel. Gosto dos pincéis com pêlo de marta, são elásticos e tornam sempre à sua forma primitiva. Com os mais finos pode-se chegar a um traço soberbo. Mas são muito caros os de pêlo de marta”*<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>Idem

<sup>6</sup>De *L'Autre Côté de Corto*. Hugo Pratt-Entretiens avec Dominique Petifaux. Casterman. 1996



**Fig. 2** – Desenho a caneta  
Fernanda Brancati  
(Nanda). Etiópia.  
Fase de emancipação.  
Iniciação sexual



**Fig. 3** – Desenho a grafite  
Mulher brasileira.  
Personagem da “Boca Dourada”

Há uma longa tradição no uso destes cadernos. Se nos limitarmos à área das Artes Plásticas, podemos fazer referência a inúmeros artistas cujos apontamentos em cadernos foram fulcrais para a evolução da sua obra. Desde artistas que fizeram longas viagens a outras civilizações até reflexões íntimas de nível social, político ou mesmo existencial.



**Fig. 4** – Esboço rápido a grafite e aguarela.  
*“O que me interessa na tauromaquia é que um homem, voluntariamente, brinca com a sua própria vida, dança com a morte.”*

Para finalizar gostaria de transmitir a ideia de que o desenho, o registo do quotidiano, está ao alcance de todos, não tendo aqui cabimento a ideia do “bem feito”, o que interessa é começar a fazer, a esboçar, a escrever, a colar, a riscar. Assim, as nossas viagens, as das férias e as do dia-a-dia, ficam na nossa memória para sempre, como as histórias de Hugo Pratt e do seu amigo Corto Maltese.

Lisboa, 25 de Julho de 2005

#### BIBLIOGRAFIA:

- PRATT, Hugo. *Le Dêsir D'Être Inutile*. Entretien avec Dominique Petifaux. Ed. Robert Laffont. Paris 1991
- PRATT, Hugo. *La Maison dorée de Samrkand*. Ed. Casterman. Tournai. 1992
- PRATT, Hugo e PIERRE, Michel. *Les Femmes de Corto Maltese*. Ed. Casterman. Tournai. 1994
- PETITFAUX, Dominique. *La Planète ensorcelée d'Hugo Pratt* na revista GEO (Hors-série). 2002
- RAMOS, Manuel João. *Histórias Etíopes. Diário de Viagem*. Ed. Assírio Alvim. Lisboa. 2000

IMAGENS:

Fig. 1 – Hugo Pratt. *Le Désir D'Être Inutile*. Entretiens avec Dominique Petifaux. Ed. Robert Laffont. Paris 1991. Pag. 33

Fig. 2 – Idem. Pag. 35

Fig. 5 – Hugo Pratt. *Les Femmes de Corto Maltese*. Ed. Casterman. Tournai. 1994. Pag. 67

Fig. 4 – Hugo Pratt. *Le Désir D'Être Inutile*. Entretiens avec Dominique Petifaux. Ed. Robert Laffont. Paris 1991. Pag. 222